**STEVEN BRAEKEVELDT**
CEO GRUPO AGEAS PORTUGAL

# O futuro está a passar por aqui

A indústria seguradora é sempre uma das áreas mais dinâmicas do seu tempo. Não só está empenhada em dar resposta aos desafios do presente, mantendo-se a par da evolução das atividades dos seus clientes (individuais ou empresas), como escrutina permanente o futuro, procurando antecipar tendências, construindo e testando respostas para desafios que, um dia, farão parte das nossas vidas.

**Nos últimos anos, fomo-nos aproximando da imaterialidade.**

**Começámos por desmaterializar as comunicações, depois, virtualizámos as relações...**

Nos últimos anos, fomo-nos aproximando da imaterialidade. Começámos por desmaterializar as comunicações, depois, virtualizámos as relações até à sua despersonalização – pelo contrário, cada pessoa procura sempre, cada vez mais, a personalização do que consome –, criámos versões nossas irreais, até surreais por vezes, e, por fim, tornámos intangíveis os perigos e as ameaças. E este foi o caminho para o nosso mundo atual.

Mas tragicamente, esta aparente ausência de corpo, de tridimensionalidade, terminou.

Por todo o lado, as consequências devastadoras das alterações climáticas começam a abater-se sobre a Humanidade de forma caótica – ao mesmo tempo que uma

parte da Europa atravessa secas persistentes, outra parte debate-se com cheias imprevisíveis, fora de tempo, e não nos esqueçamos ainda, de parte da Europa que se encontra em guerra, não tendo o clima como principal preocupação ao dia de hoje.

As estações do ano entrelaçaram as suas identidades, terraplenando séculos de previsibilidade e de provérbios populares, que davam a cada mês características meteorológicas passadas entre gerações como certezas inquestionáveis.

A indústria seguradora pode ser um dos poucos pontos de apoio concretos que populações e empresas encontram.

Preparámo-nos, desenhámos produtos, disponibilizámos coberturas que permitem conferir alguma serenidade a este desvario de incerteza.

Se os elementos nos surpreendem a cada curva do calendário, a indústria seguradora antecipou o quadro atual. E se a luta pela sustentabilidade global parece ser uma quimera atirada pelos governos das nações para incertas décadas futuras, nós também estamos – também temos – de fazer esse caminho, de encontrar um rumo concreto para a sustentabilidade.

Esta estratégia, holística como os tempos impõem, tem de ser internamente vertical e horizontal, mas também tem de desenvolver-se em conjunto com toda a nossa cadeia de valor e carteira de clientes.

O primeiro grande esforço, e feito, foi retirar a sustentabilidade do plano das intenções e trazê-la e incorporá-la no nosso dia-a-dia – nas práticas, nas infraestruturas, nos objetivos e KPI-Key Performance Indicator. Do nosso lado, o que podemos fazer para devolver vida à vida do planeta está a cumprir-se.

Tornar toda a organização sustentável, nas suas diversas declinações está a concretizar-se. Da comissão executiva aos mediadores no terreno, pensámos a nossa atividade a 360 graus, adicionando as práticas sustentáveis como uma premissa da criação e entrega de valor.

**A indústria seguradora é sempre uma das áreas mais dinâmicas do seu tempo.**
*Não só está empenhada em dar resposta aos desafios do presente, mantendo-se a par da evolução das atividades dos seus clientes, como escrutina permanente o futuro.*

O passo seguinte é a incorporação do reconhecimento da sustentabilidade dos nossos clientes. O desenvolvimento de operações sustentáveis deve ter reflexo na forma como nos relacionaremos num futuro próximo. O seu valor adicional será uma das nossas mais-valias. E este é o primeiro grande desafio de futuro – tornar tangível a sustentabilidade em toda a verticalidade da ação do nosso setor.

Quanto às novas perceções de risco, a imaterialidade atingiu patamares impensáveis.

Foquemo-nos, por exemplo, numa das maiores ameaças aos Estados, cidadãos e empresas em tempo de paz – a cibercriminalidade.

Mesmo a pandemia, que enfrentámos com indesmentível êxito e contenção de emoções negativas, podia ser corporizada num vírus, numa origem mais ou menos rastreada, numa cadeia de transmissão óbvia e escrutinável.

Os riscos que a nossa indústria previu e "preparou" durante décadas sempre tiveram esse lado concretizável e palpável. Da destruição de um acidente de viação à devastação de um sismo, somos capazes de identificar danos, contabilizar prejuízos e prever os investimentos e o tempo necessários para a recuperação possível.

Ora, o inimigo que agora enfrentamos não tem rosto, nacionalidade, porta de entrada ou previsibilidade de ocorrência. Estados, pessoas e organizações estão à mercê de um perigo que não se sabe de onde pode vir ou quando é que pode atingir.

E este é um dos maiores desafios que enfrentamos no momento histórico atual – como se enfrenta o que não se conhece? O que não se antecipa? No limite, o que move o autor de um ciberataque? Dinheiro? Prestígio entre as suas comunidades? A bravata da alegada façanha? A exposição das fragilidades das nossas altamente tecnológicas vidas atuais?

Mais uma vez, a indústria seguradora tomou a sua posição, assumiu as suas responsabilidades perante os clientes e estruturou medidas de prevenção e de mitigação. Pugnar pela autoproteção, criar barreiras de mais difícil ultrapassagem, não estar sozinho perante os perigos, tudo isto pode ser feito com apoio do Grupo Ageas Portugal. Porque antecipámos, estudámos, testámos e preparámo-nos para dar resposta ou ajudar a responder aos novos perigos dos tempos modernos.

Portanto, de forma grandiloquente, o futuro exige-nos sustentabilidade e a sua inclusão em todas as nossas atividades e interações. De forma prática, o futuro passa por responder a outra ameaça que pode paralisar-nos, confundir-nos, induzir-nos em erro ou provocar catástrofes inimagináveis – pensemos que um pirata informático toma o controlo de um arsenal bélico ou de uma central nuclear…

Mas termino com uma nota de sempiterno otimismo e crença na nossa capacidade para nos superarmos nas situações mais difíceis. O elemento determinante será sempre o do nosso grau de preparação – e, aqui, radica, uma vez mais, a imprescindibilidade da indústria seguradora. No presente e para o futuro.